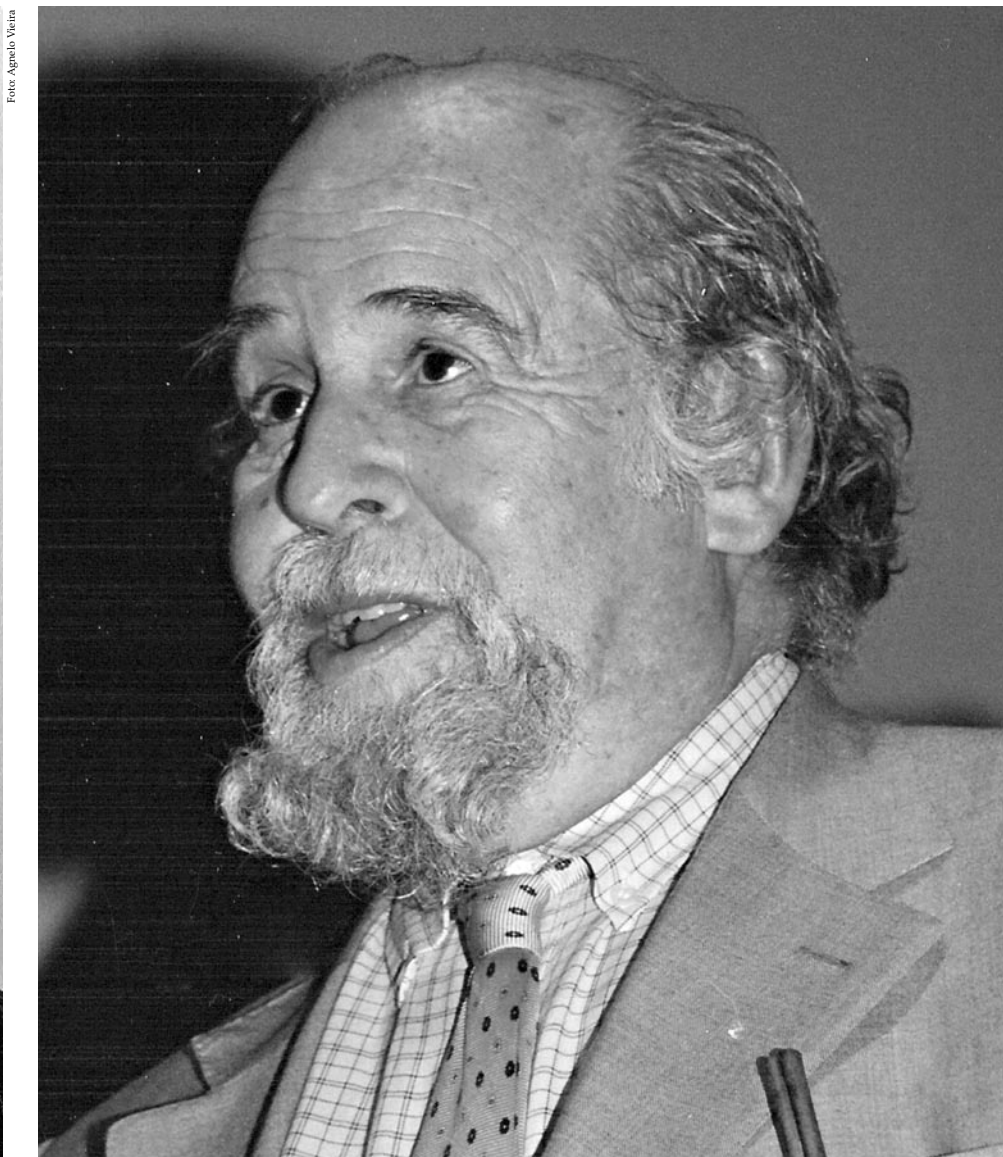
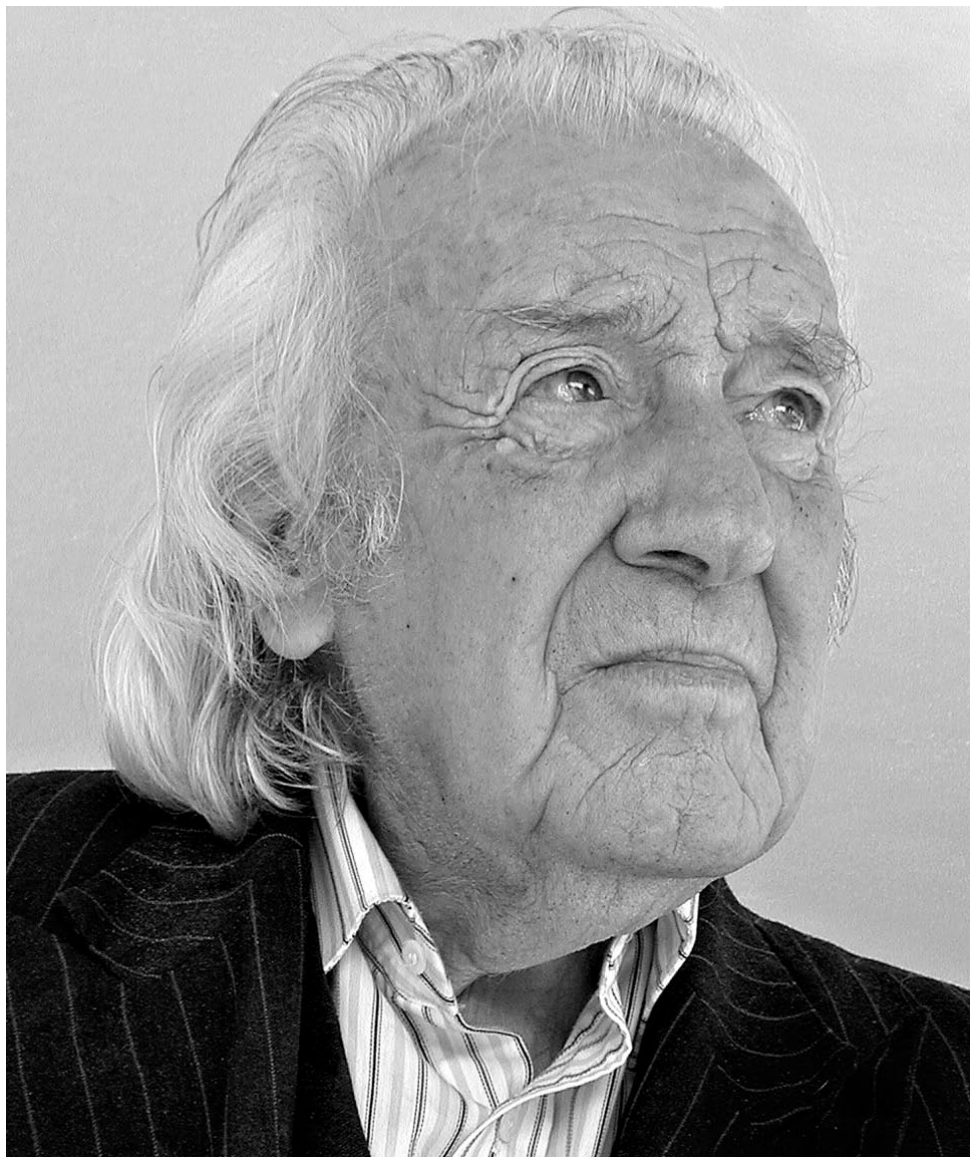


Ei-los, que partém!

No espaço de um mês desapareceram dois homens ímpares da nossa cultura. Enquanto foram vivos, um arrecadou os mais prestigiados títulos e prémios a nível nacional, o outro foi justamente homenageado e celebrado enquanto figura incontornável da vida da região de Oliveira do Hospital ao longo do século XX. Não sei se alguma vez se cruzaram, mas Manuel Cid Teles e João Bénard da Costa tiveram algo em comum – foram ambos renascentistas fora do tempo. Tal como Da Vinci, o homem que ficou como paradigma do Renascimento, nenhum deles nunca se contentou em explorar uma área, em focalizar um interesse. Cid Teles experimentou a música, a poesia, o teatro, a pintura. Bénard da Costa discorria com tanta facilidade e intensidade sobre um filme de Ray como a propósito de uma pintura de Giotto; à volta de um livro de Agustina como quando escolhia uma ópera de Mozart.

O S₂₁ não podia deixar de os recordar.

S
21



CARTA A MANUEL

**“Manuel, tens razão, venho tarde.
Desculpa.”**

Não! Não aspiro a ver-me cotejado com o autor de *Só*. Sou apenas um insignificante e sofrível utilizador da palavra. Mas vem muito a propósito aquele verso de António Nobre quando se dirigiu a teu pai. É que me calou bem fundo aquele “Olha, o Sr. Vieira!” quando te visitei no Hospital de Coimbra. Embora não reconhecesse ninguém dos que me acompanhavam, e eram-te sobejamente conhecidos, aquele quase grito de alegria, traçou-me estas linhas de bem-querer. Mas perdoa este tom desinibido da minha expressão. Hoje quero ser o que me sinto. E sinto-me revoltado por gostar de ti e não te acompanhar mais vezes no teu ocaso. Mas sabes! Não suporto o definhar de pessoas queridas. Acompanhei de perto, ao mesmo tempo, o sofrimento de minha mãe. Compreende-me, se puderes, por isso.

Manuel, quando um dia espreitei uma Festa da Casa da Obra, ouvi e admirei-te. Como declamavas bem! *Fado Falado, Cântico Negro, O Passeio de Santo António, A Procissão, O Corridinho*, eram a expressão de um verdadeiro artista. Ali estavas à minha frente, qual Villaret, desafiando toda uma plateia. Uma presença, um saber estar, uma dicção, uma veemência, uma memória, que registo, ainda, com assombro.

Ali mesmo, quis seguir as tuas passadas, nesta coisa de dizer poesia, que eu já ia fazendo, ainda que pobremente. Soube também, nesse dia, que aquela festa tinha muito do teu cunho artístico, quer no canto, quer na dramaturgia, quer ainda na dança. E naquele ano de 1977, eu soube ainda que o meu amigo era poeta e que já escrevera livros. Que festim de saber e de comunicar aos outros! Um pouco mais tarde, já éramos conhecidos, surpreendeste-me, quando na roda de amigos que era sempre a tua presença, te despediste, pois ias ensaiar um Rancho Folclórico.

3 Apontamentos em Oliveira do Hospital

João Bénard da Costa faleceu no dia 21 de Maio de 2009. Ao fim do dia, quem colocasse o nome do senhor Cinema no google encontrava perto de cem entradas com referência à sua morte. No dia seguinte, o mesmo motor de busca indicava-nos 500 (quinhentos!) blogues que faziam referência à partida do director da Cinemateca. Neste contexto... que dizer sobre Bénard? Só me ocorreu uma coisa – evocar as suas passagens (conhecidas) por Oliveira do Hospital.

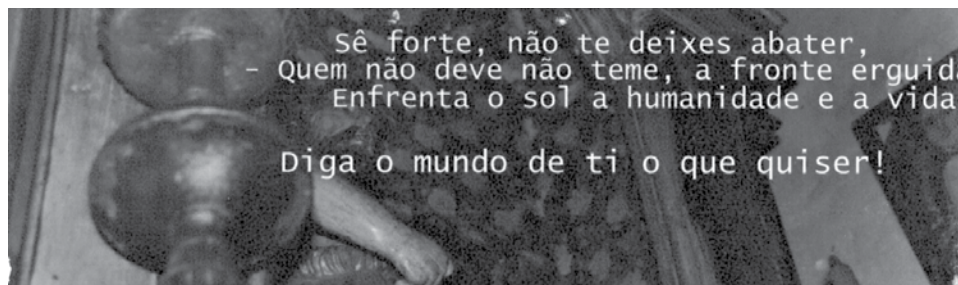
14 de Outubro de 2002

Bénard da Costa chegou, como a maioria dos convidados, por volta das 20h00. Dois meses antes, em Agosto, a secretária da Cinemateca tinha confirmado o seu interesse em estar presente na segunda edição dos Encontros Pensar Século XXI. De entre os diversos participantes com que, ao longo dos anos, encetei contactos, só mais um ou dois deram uma resposta

tão célere e, por esse motivo, tão sentida como genuinamente interessada. No fundo, era a tradução do seu lendário gosto em partilhar ideias, conhecimentos, cultura.

O “encontro” com João Bénard da Costa teve 90 pessoas na assistência. Durante as três primeiras edições desta iniciativa, só um dos convidados teve menos gente. Nada que o preocupasse. Na sua comunicação sobre “As produções de raiz local num mundo globalizado” defendeu pela enésima vez que um produto artístico vale por aquilo que é, e não pelo número de pessoas que dele fruem – “e nisso estou no pólo oposto ao que defende aquele que aqui me antecedeu”, sublinhou, referindo-se a Emídio Rangel, que ocupara a sua cadeira uma semana antes.

A forma como falou (talvez mais do que aquilo que disse) deixou rendido quem o ouviu – uma extrema erudição, uma singular forma de tudo ligar, uma capacidade de saltitar de tema em tema, de citação



E mais...muito mais...! De quando em vez, uma pintura, que também eras pintor!

Um dia sentenciaste: "Como é diferente o amor em Portugal!" Pronto. Eras também actor. Representaste, comigo e com Simões Saraiva *A Ceia dos Cardeais*. A nossa representação fez furor e não imaginas o meu orgulho.

Como amigos, como cultores da poesia, confessaste-me que Fausto Guedes Teixeira fora o teu padrinho nas lides poéticas. Predestinado a servir a família, e porque o teu pai fora quadro superior das Finanças, sujeito a imposições de carreira, calcorreaste o país. O primeiro livro que me ofereceste, *Sou Como Sou*, de 1945, acompanha-me todos os dias, pois o poema que lhe deu nome é único na minha memória. Não vou enumerar aqui os teus lindos livros. Destaco apenas o *Tendo Embora um Triste Fado*, a colectânea de todos os teus livros já editados, a que foram acrescidas largas dezenas de quadras inéditas intituladas de *Quadras Soltas*. Enalteça-se a dedicação e a qualidade superior da "Rosinha Lobo", na feitura deste livro.

Não querendo abusar da tua paciência com este lamuriar de bem-querer, penso que é altura de nos despedirmos. Ah! Lembras-te do dia em que passeávamos por Tábua e me disseste, apontando uma casa, "foi aqui que eu nasci"!?

Os anos esfumaram-se. E 98 anos após o teu nascimento, em paz contigo e com o Senhor, repousas agora na derradeira morada. Sei onde e não a esquecerei. Como não esquecerei a tua amizade, a tua obra, o teu sempre "dar de ti sem pensar em ti".

A ti, cultor multifacetado do espírito que rubricaste arte nos domínios da poesia, do teatro, do folclore, da música e da pintura; a ti, figura veneranda que exprimiste na palavra e na atitude a verdade da amizade, da simpatia e da fraternidade; a ti, meu nobre amigo te afaio: enquanto eu for vivo e tiver voz, jamais serás esquecido.

E com esta tua pérola literária, inédita, termino:

"Adeus amor! Adeus à mocidade!
Um lenço branco aceno em despedida,
Um pouco esfarrapado pela vida
E com marcas indeléveis de saudade.

Eis que é chegada a hora da partida,
Há que aceitá-la com serenidade,
Amei, sofri, cantei, a fronte erguida,
Do mundo aceitei sempre a maldade.

Já do meu dia a tarde está no fim
(Vidas não há em que não seja assim),
Tão depressa é manhã como sol-pôr.

E quando a minha noite enfim chegar,
Quero que ela me encontre a murmurar,
Adeus amor! Adeus à mocidade!"

ADEUS, AMIGO!

José Vieira

Outras Memórias

Confesso que pouco depois de ter deixado a cidade (O. do Hospital) raramente pensei na OH S.XXI. Ocasionalmente, falei com amigos que em conversas ligeiras me punham a par das suas acções. Das poucas vezes em que aconteceu não deixei de me sentir orgulhosa, não pela minha participação, mas por perceber que tudo estava perfeitamente encaminhado...

Mas, desta vez era a sério! Proposta feita e aceite, teria que escrever algo que marcasse os 10 anos de vida da OH S.XXI. Consultei todas as páginas de Internet que convosco se relacionassem, percebi que todo o vosso esforço não foi em vão, e que todos os objectivos a que se propuseram foram concretizados!

Assolada por uma gigantesca onda revivalista, peguei na caixa onde guardo religiosamente todos os bilhetes de espectáculos, cinema e concertos por onde passei, e fui buscar os de mais ou menos uma década atrás...

1997, em Maio no Coliseu dos Recreios, recordo-me claramente dessa noite, Morphine, sem nunca perder o ritmo, com um saxofone que lembra o melhor do jazz, e que rasga o silêncio sem piedade. Com todos os meus sentidos aguçados, absorvi e vivi de forma inesquecível aquele momento, o de Honey White, ou Cure for Pain... dois anos depois lamentei profundamente a morte de Mark Sandman.

Tricky (Coliseu dos Recreios), na companhia de Martina Topley Bird, ambos entraram por uma densa nuvem de fumo e contraluzes, estávamos noutra galáxia, nela viajámos por algumas horas onde a sedução foi tema de fundo.

28 de Maio de 1998, cheguei sem bilhete, sorte que um gentil cavalheiro indisposto me deu o seu passe e pude alegremente assistir ao espectáculo. Beck trouxe o demónio até ao Coliseu dos Recreios, talvez já não estivesse muito ciente, mas lembro-me que dancei e ri, tudo em grandes quantidades.

27 de Abril de 1999, Paul Rutherford, Elliott

Sharp & Frances-Marie Uitti na mostra de música improvisada no Teatro São Luiz. Paul Rutherford, londrino, mestre do improviso e free jazz na Europa, inovador na sua técnica de tocar trombone. Elliot Sharp, da vanguarda nova iorquina, multi-instrumentista, improvisador, "science geek", passa pelo saxofone, guitarra, blues, jazz, entre muitos outros sons.

Teatro Académico de Gil Vicente, Coimbra, 19 de Novembro 1999, magnífico John Zorn, quase vulcânico com o seu saxofone furioso, iluminado pelo calor das luzes pontuais que o fizeram brilhar bem como pela vibração que se instalou na pequena e confortável sala.

Aproveitei a estadia em Coimbra, e dois ou três dias depois, na mesma sala, fui apresentada com a presença de Mike Patton a solo, a brincar com uma mesa de mistura e um pequeno rádio a pilhas, onde conseguimos ouvir um belíssimo discurso do na altura candidato às eleições legislativas Mário Soares! Improvisos perfeitos!

Tédio Boy's na Cave das Químicas, em Coimbra. Sobre eles nem sei o que dizer, quase todos os vimos ao vivo e sabemos do que eram capazes!! Não posso deixar de fazer referência ao local do concerto, onde vi tantos outros, todos eles de intensidade inimaginável. Local de culto, de noites quentes e tresloucadas...

E sempre bom pegar nas nossas memórias e saboreá-las, senti-las uma a uma e reviver cada um dos momentos que já passaram.

A todos os que são e acompanham neste momento a OH S.XXI, dou os meus parabéns.

Paula Madeira (Fundadora da OHs.21)

em citação, fazendo tudo parecer uno, indivisível, ligado por fios misteriosos. Com ele era natural sentirmo-nos como que emersos numa qualquer teoria da conspiração ao dar conta de que "isto anda tudo ligado". E como falava tal como escrevia (ou escrevia como falava), recordo uma noite mágica, com o público rendido às suas mágicas palavras.

Lembro ainda que se falou de Proust pelo menos duas vezes. Descobri agora que o citava com tanta frequência e tal naturalidade que já nem se dava conta de que o fazia.

Ainda ao jantar, falou das pequenas memórias da sua juventude em Vendas de Galizes.

Algueres na primeira metade da década de 50

Durante parte da década de 90, Bénard da Costa manteve no jornal Independente um espaço de denominação mutante que alternava em cada semana - Os Filmes da Minha Vida / Os Meus Filmes da Vida. Julgo ter sido numa dessas crónicas que se referiu às suas férias adolescentes em Vendas de Galizes. Foi o José Vasco Campos quem mo deu a saber e foi munido desse fraco conhecimento que lhe pedi esclarecimentos.

A estadia em Vendas de Galizes ocorreu uma única vez e não esteve relacionada com nenhuma relação pessoal. Quando muito, houve uma relação passional. Durante uma excursão em família o pai do então jovem João apaixonou-se por uma casa e nasceu aí a ideia de a utilizar durante as férias. Como havia disponibilidade do seu proprietário, a família Bénard rumou a Vendas de Galizes no Verão seguinte e passou aí uma temporada de que o cinéfilo apenas recordava (ou apenas quis revelar) alguns passeios com umas moças de uma família com que a sua entretanto tomou conhecimento. Teria 19 anos, e foi uma alternativa (ou um complemento) às imensas férias na serra da Arrábida que cantou dezenas de vezes em crónicas plenas de nostalgia e de felicidade.

2005 - Um passeio pelo vale do Alva

A 5 de Junho de 2005, na sua A Casa Encantada, espaço semanal que manteve no Público entre 2002 e Dezembro de 2008, Bénard da Costa falou de uma sua viagem (presumivelmente) recente ao vale do Alva. Terminamos, recuperando alguns excertos do texto então publicado.

Avô - Conhecem as Varandas de Avô? Assim se chama a um miradouro, que não dista muito da Venda de Galizes da minha solitária adolescência e onde se enxerga uma das mais bonitas vistas sobre o Vale do Alva. Sant' Anna Dionísio, que ainda era professor no Pedro Nunes ao meu tempo de Venda de Galizes, diz, naquele estilo peculiar, que é, para mim, o estilo Guia de Portugal da Biblioteca Nacional de Lisboa, que a "vila (Avô), os montes, as águas, os campos, ficam lá muito fundos, extáticos, gratiosos e atraentes na serenidade das coisas que estão longe mas se vêem com perfeição". Não é mal visto nem é mal dito.

Aldeia das Dez e Vale de Maceira - Um pouco mais acima, a Aldeia das Dez, onde um holandês voador abriu um hotel com o nome de João Brandão (o homem andou por ali) para dar mais vista à vista. Continuando a subir, chega-se ao Santuário da Senhora das Preces, onde, no Domingo do Espírito

Santo, se fazia uma romaria célebre.

É um daqueles santuários, como há mil em Portugal, em que, numa série de pequenas ermidas, estão dispostos grupos figurativos dos Passos da Cruz, do Calvário, do Santo Sepulcro, da Ressurreição. Há um realismo tosco nessas figuras, comoventes de ingenuidade pintalgada e de terror mansinho. Entre cedros e carvalhos, o parque não é bem parque como os modelos que o inspiraram, a escadaria nunca se escalou, mas há tanta aflição enfrática, que se percebe muito bem porque é que o povo transformou a Senhora das Preces na Senhora das Pressas, jurando que ela tem mais devotos que outra qualquer. É que uma pressa, por ali, é sempre uma aflição. Por ali? Gostei de saber dessa história da Senhora das Pressas e devagar visitei as onze capelinhas da Serra de Açor que deixa a Estrela a perder de vista.

São Gião - São Gião não fica muito longe e, se os cartazes da estrada são encomiásticos para o interesse público de Piódão (decretado em 1978, quando se começou a salvar e a perder a aldeia), esse novo destino é hoje grandiloquentemente cognominado Catedral das Beiras.

Tudo vem de uma igreja construída em 1795, nos tempos da Senhora D. Maria I. Só que - como por essa altura, noutras paragens de Portugal, D. Rita Preciosa notou ao marido e pai de Simão Botelho no Amor de Perdição de Camilo - os anos não eram os mesmos no Largo da Estrela ou no Vale do Alva. Aí, ainda se vivia ao gosto de D. João V e das suas muitas flores de murta. Quando, na vizinha e rival Penalva d'Alva, se anunciou a construção de uma nova igreja para substituir a que o terramoto danificara, São Gião teve o último assomo de um lendário orgulho. E edificou-se então essa "catedral" (que se o não é, não deixa de ser um dos maiores templos das Beiras) com mais do que espaço para acolher os 1577 habitantes da povoação. A severa fachada é barroquíssima e, no interior, sobretudo do alto do coro, vale bem a pena ver os 102 painéis atribuídos a Pascoal Parente, um italiano então a residir em Coimbra e ali chamado pelo morgado da povoação. Terá sido ele, também, o autor do grande retábulo do martírio de São Julião, esse que deu na toponímia lugar a Santulhão ou São Gião, e vários há por este país dentro ou por este país fora.

À roda da igreja, sobre o vale e sobre o rio, sobejam hoje algumas bonitas casas de granito, eventuais restos de solares de outrora, muitas ruínas e aquelas monstruosidades do costume, com que se deu cabo de quase tudo. Monstruosidades aliás que estão vazias, com os donos a viverem na Reboleira ou em Felgueiras. Conversei com algumas mulheres de negras vestidas. Sessenta são hoje os habitantes permanentes de São Gião, os últimos que produzem batata, azeite, feijão ou milho.

A igreja (aliás, quase sempre fechada, depois de dois assaltos) parece uma Pirâmide abandonada num horto. Mas ultimamente, disseram-me, alguns estrangeiros têm comprado as poucas casas antigas e têm-se fixado na região. Virá daí alguma esperança? Quando me vinha embora e olhei para trás para ver a igreja, a ponte e o casario branco, pareceu-me aquela terra, ali posta em sossego, ali posta em aflição, uma metáfora poderosa deste país inerme, tão perdido nos tempos como os tempos andam perdidos nele.

Artur Abreu





AMAR ou SER?

Nunca amamos ninguém para além de nós mesmos. Quando o amor é sexual amamos o prazer que um corpo estranho nos concede. Quando o amor é sentimental amamos o conceito que temos sobre a pessoa amada, e repare-se que amamos apenas a imagem, apenas o conceito que temos dessa pessoa e não ela mesma, sendo esse mesmo conceito apenas nosso e absolutamente único. Mas ainda não acabou: por sua vez amamos, apenas, o que a existência desse conceito provoca em nós.

E este género de coisas lógicas dá azo a desejos que rompem com a moral vigente, e que muitos de vós deverão ver como hediondos. Por exemplo:

1- quando o amor é sexual: Poligamia

2- quando o amor é sentimental: Por vezes sucede que a imagem (conceito), que tínhamos da pessoa em questão se altera por qualquer razão que nos transcende e damos por nós a pensar: "que vi eu naquela pessoa?"

Ainda estão a pensar nisto? Desistam! Diria santo Agostinho: "ainda não sabia o que era o amor e já amava amar". Atroz divertimento este...

Se ainda estão à espera de

alguma verdade, oferecendo-vos Fernando Pessoa:

"A Alma não se usa à superfície do mundo

Se alguma coisa há que esta vida tem para nós, e, salvo a mesma vida, tenhamos que agradecer aos Deuses, é o dom de nos desconhecermos a nós mesmos e de nos desconhecermos uns aos outros. A alma humana é um abismo obscuro e viscoso, um poço que não se usa na super-

fície do mundo. Ninguém se amaria a si mesmo se devesse se conhecesse, e assim, não havendo a vaidade, que é o sangue da vida espiritual, morreríamos na alma de anemia. Ninguém conhece outro, e ainda bem que não o conhece, e, se o conhecesse, conheceria nele, ainda que mãe, mulher ou filho, o íntimo, metafísico, inimigo."

Apetece-me então exaltar a beleza deste mundo, destas árvores, destas colinas.

Abaixo o sarcasmo e a ironia, abaixo tudo quanto o ser humano é e inventou. Agora apenas quero isto.

Sim. Que tudo quanto veja ou sinta não passe de sensações, pouco me importa. Prefiro mil vezes abandonar-me a estas terras rurais e um pouco mais virgens, a procurar-me nos calabouços da humanidade.

A verdade é essa meus senhores. Apesar de pensar não ser, propriamente, estar doente dos olhos, é, sem dúvida, uma forma de deturpar a terra mais real do que bela. Confesso: não quero ser humano, já vi o suficiente para o não querer ser. Prefiro ser uma dessas árvores absolutamente reais, que sempre nos rodeiam.

Abaixo a consciência e a obediência, eis a origem do pecado e dos maiores crimes cometidos (respectivamente). Abaixo os desejos, abaixo tudo (menos alguns sonhos, talvez). Abaixo tudo quanto o ser humano é nos dias de hoje, para que no futuro algo mais recto e mais belo se possa levantar.

Por agora prefiro ser, ser apenas, nada mais. Ser como uma árvore, ora verde, ora amarelada, ora nua. Sempre no mesmo sítio, e sempre ela.



Fotografia do Vale do Alva

André Pereira

3 PISTAS

Música Cerebral

Seis pelo Preço de Zero

Visite o BAIRRO ALTO



Editado pela Relógio D'Água em Dezembro de 2008, *Musicophilia – Histórias Sobre a Música e o Cérebro* é o último lançamento do neurologista e professor universitário Oliver Sacks, um livro que explora o lugar que a música ocupa no cérebro e como é que ela afecta a condição humana. De facto, são histórias surpreendentes aquelas que Sacks nos oferece, tendo sempre em conta a relação fantástica música-cérebro e as suas mais variadas

manifestações. A obra começa, desde logo, com uma história que tem tanto de exuberante como de desarmante: depois de ter sido atingido por um relâmpago, Tony Cicoria deseja, subitamente ouvir música para piano (ele que até então ouvia rock) até ao ponto de querer ser mesmo pianista. Salimah, por seu turno, depois da extracção bem sucedida de um tumor cerebral maligno, passou a ser viciada em música, principalmente a que passava na rádio, entretendo a auto estrada com o volume no máximo. Jon S., sofre daquilo que se designa por epilepsias musicais que, como o nome indica, se traduz em ataques epilépticos quando se ouve determinada música. No caso de S., de cada vez que ouvia um som de violino, tinha um ataque, nunca percebendo realmente o que lhe acontecia. Para além destas e doutras histórias mais ou menos insólitas, verdadeiras e sempre traduzidas sob o ponto de vista médico, Oliver Sacks vai explicando e teorizando, contextualizando e ao mesmo tempo fornecendo bases de interpretação ao leitor para as histórias futuras, acerca de aspectos centrais da temática em causa, como *A Música no Cérebro: Imagética e Imaginação*, que nos traça o interessante diagnóstico daqueles que mal conseguem segurar uma linha melódica na cabeça, ao passo que outros carregam cerebralmente sinfonias inteiras, interpretando-as sem dificuldade maior; ou ainda os *Brainworms*, *Música Que Não Sai Da Cabeça*. Diz-nos Sacks: “Às vezes, a imagética musical ultrapassa o limite e torna-se [...] patológica, como quando determinado fragmento de uma música se repete incessantemente, durante dias a fio, por vezes a ponto de nos enlouquecer [...]”. Essencial.

Luís Antero

Musicophilia, de Oliver Sacks, Relógio D'Água Editores, 2008



As transformações por que passam os meios de edição e divulgação musical continuam a sofrer alterações constantes, com a democratização e o livre acesso a galgarem terreno diariamente em novas iniciativas, modelos e aderentes.

A última novidade em Portugal é a entrada da Optimus na edição, com a disponibilização on-line e gratuita de seis EP's de outros tantos projectos, que assim conseguem uma oportunidade de divulgar a sua música, integrando um catálogo e um modelo de edição que garante visibilidade e profissionalismo.

A Optimus Discos tem direcção artística do radialista Henrique Amaro e o objectivo é lançar, até final de 2010, 36 discos portugueses, divididos em 6 séries de 6. O primeiro lote saiu em Abril (haverá novas edições em Junho e Dezembro). Cada um dos discos terá também uma edição física de 500 exemplares que será vendida ao preço de 4,95 €. O projecto prevê ainda criação da Área Extra, alojada no interior do site e onde serão disponibilizadas gravações de grupos do mundo lusófono (com o Brasil, Angola e Cabo Verde à cabeça) apenas editadas on-line.

E a música vale a pena? Não contendo nenhuma obra prima, nenhum dos seis discos agora editados é menosprezável. Destacamos os Tiguana Bibles, um belo projecto contaminado pelas influências mais modernas da country americana, feito a partir de Coimbra (de onde mais?) e cujas músicas caberiam perfeitamente numa fita de David Lynch; *Vi-os Desaparecer na Noite*, a gravação do espectáculo spoken word desenvolvido por Tó Trips & Tiago Gomes a partir da obra de Jack Kerouac e que se apresentou no auditório do Crédito Agrícola de Oliveira do Hospital em Junho de 2008; e a estreia dos Madame Godard, banda com quase uma década de existência a praticar uma pop multifacetada e absorvente.

Artur Abreu

DJ Ride, *Beat Journey*; Madame Godard, *Aurora*; Tiguana Bibles, *Child Of The Moon*; The Bombazines, *The Bombazines*; The Pragmatic, *Circles*; Tó Trips & Tiago Gomes, *Vi-os Desaparecer na Noite*, <http://musica.optimus.pt>, 2009



Às Terças-feiras, ao fim da noite, vale a pena passar pelo *Bairro Alto*. Não, não é nenhuma sugestão para que se desloquem ao mítico bairro lisboeta que tem sido, ao longo das últimas décadas, o espaço de onde têm emergido algumas das mais emblemáticas formas de criação artística em solo português. *Bairro Alto* é um programa de entrevista que é exibido semanalmente no canal 2 de RTP, conduzido por José Fialho Gouveia.

No *Bairro Alto* não ocorre “o grande debate da televisão portuguesa”, não se encontram “pregadores de Domingo” (agora também há uns à Segunda-feira) nem passam os grandes protagonistas da semana. Mas os convidados são sempre interessantes e a entrevista decorre num tom de conversa de café que nos deixa, a um tempo, curiosos e relaxados. Tudo depende, claro está, da mestria do entrevistador, que conduz a conversa quase com candura, mas também sem vergonha, perguntando tudo o que acha que deve perguntar e que julga que os espectadores querem saber.

No site da RTP o programa vem definido como “um face-a-face sem mesa e com laivos de ‘hard-talk’”. A definição casa bem com o conteúdo do programa. Vou lembrar-me durante muito tempo do momento em que Fialho Gouveia inquiriu a realizadora Raquel Freire sobre a sua bissexualidade. Se lhe tem perguntado se preferia o café com ou sem açúcar, o ar ingénuo com que o fez teria sido o mesmo.

Pelo *Bairro Alto* já passaram, por exemplo, a vocalista dos Deolinda, Ana Bacalhau, o tenista Frederico Gil, os actores Nicolau Breyner e Catarina Wallenstein, o realizador António Pedro Vasconcelos ou Alena Khmelinskaia, uma portuguesa nascida na Rússia há 18 anos e a residir em Portugal desde os dois que já foi campeã nacional de acrobática e trampolim, concluiu o conservatório com nota máxima, conquistou o 1.º prémio no concurso internacional de piano do conservatório russo em Paris e foi a melhor aluna do secundário em 2008, com 19,7 de média, cursando actualmente Bioquímica. Multifacetada, brilhante no que quer que faça e... um nome a fixar.

Às Terças-feiras, *Bairro Alto* é o momento obrigatório da televisão portuguesa.

AA

Bairro Alto, RTP2, Terças-feiras, 23h30

BREVES CULTURAIS

SEMPRE ACTUAIS

Poeta Laureado da Grã-Bretanha é pela primeira vez uma mulher. A nomeação coube à escocesa Carol Ann Duffy, de 53 anos, que se tornou também no primeiro autor escocês a assumir o cargo. O Poeta Laureado tem a responsabilidade de compor versos para ocasiões ou cerimónias especiais. O cargo existe na corte britânica há 341 anos, tendo sido instituído pelo rei Carlos II em 1668. Costumava ser vitalício, mas Duffy, a exemplo de seu antecessor Andrew Motion, só irá ocupá-lo por dez anos. Tal como manda a tradição, a poetisa escocesa, conhecida pela sua obra *A Esposa do Mundo*, de 1999, receberá 600 garrafas de sherry e terá um salário anual de 6400 euros.

Leonel Moura lançou livro de robô-poeta. O artista português, que há alguns anos criou diversos robôs-pintores (um deles “trabalha” no Museu de História Natural de Nova York) apresentou

agora ISU, que escreve poemas. Ao todo são 30 poemas, cujo processo de escrita foi explicado pelo seu criador – “ISU faz uso de processos aleatórios, mas nem tudo na sua acção é fruto do acaso. A reacção às condições ambientais, ou seja, a percepção do estado do poema a cada momento, determina muito do seu comportamento. Nomeadamente, se escreve mais ou dá o poema por terminado.

Também a escrita é condicionada ao conjunto de palavras disponíveis no dicionário, o qual varia conforme as circunstâncias ou, por exemplo, a língua”.

Morcegos garantem conservação dos livros em bibliotecas. Centenas de morcegos vigiam diariamente duas das mais antigas bibliotecas de Portugal, na Universidade de Coimbra e no Palácio de Mafra. É a sua habilidade para capturar insectos que assegura a preservação dos livros. O único mamífero capaz de voar

só o faz de noite, emitindo sons de alta frequência inaudíveis ao Homem, mas o investigador de aves e morcegos Jorge Palmeirim confirmou recentemente que na biblioteca Joanina de Coimbra, onde se instalaram há mais de 200 anos, residem “pelo menos duas espécies de morcegos”. Para além de Coimbra, é conhecido um outro abrigo de morcegos em bibliotecas no Palácio de Mafra, supondo-se que a preferência da espécie por estes espaços possa estar relacionada com o revestimento antigo de madeira.

Livraria Buchholz encerrou as portas. Fundada em 1943 pelo livreiro alemão Karl Buchholz, que abandonara Berlim no decorrer da II Guerra Mundial, era uma das mais antigas livrarias lisboetas, há décadas considerada um espaço de referência na divulgação de obras nacionais e estrangeiras. Encerrada desde 23 de Abril depois de ter sido declarada

insolvente em Janeiro, o conteúdo do histórico espaço será leiloadado ou vendido por proposta em carta fechada.

Ballast venceu IndieLisboa. A longa-metragem do americano Lance Hammer arrecadou o principal galardão do certame, o Grande Prémio Cidade de Lisboa. Numa extensa lista de galardoados, os principais prémios foram para o documentário *Ruínas*, de Manuel Mozos (Melhor Longa-metragem Portuguesa); *Kempinski*, de Neil Beloufa (Grande Prémio de Curta-metragem); *Arena*, de João Salaviza (Melhor Curta-metragem Portuguesa) e *Jalainur*, de Zhao Ye (Prémio de Distribuição). Os prémios do público foram entregues a dois documentários – *L'encerclement*, de Richard Brouillette (longas-metragens) e *Visita Guiada*, de Tiago Hespanha (curtas-metragens).

Cannes premiou João Salaviza. O realizador português viu

o filme *Arena* ser considerado como a Melhor Curta-Metragem no mais prestigiado festival de cinema do mundo. A Palma de Ouro foi entregue a *Das Weisse Band* (A Pena Branca), a última obra do austríaco Michael Haneke, e os prémios de interpretação foram para a francesa Charlotte Gainsbourg (Melhor Actriz por *Antichrist*, de Lars Von Trier) e o austríaco Christoph Waltz (Melhor Actor por *Inglorious Basterds*, de Quentin Tarantino). Outros prémios importantes – Grande Prémio do Júri para *Un Prophète*, do francês Jacques Audiard; e Melhor Realizador para o filipino Brillante Mendoza, autor de *Kinatay*.

Museu de Serralves atingiu os 3 milhões de visitantes. O número foi alcançado no dia 21 de Maio e corresponde à contagem de visitantes feita desde a inauguração do Museu, em 1999. Este número redondo junta-se aos outros dois motivos de festejo em 2009 – os 20 anos da Fundação e os 10 anos do Museu. Só em 2008, mais de 412 mil pessoas visitaram Serralves.

AA